

# Resenha: Era preciso estar em sintonia com o seu tempo, de Gustavo Piqueira

Por Júlio Canhada\*

Talvez ninguém atualmente tenha se dedicado tanto a questionar o objeto livro quanto Gustavo Piqueira. E para fazer isso, publica um atrás do outro. Sua riquíssima produção discute, com ousadia e seriedade, os elementos que configuram nossa relação mais ordinária com o livro: a autoria, o limite entre texto e imagem, a página enquanto suporte neutro, a capa. Por ser grande conhecedor da história desse objeto tão cotidiano e complexo, pode explorar toda a arbitrariedade que fez com que se tornasse algo tão natural para nós.

Sua última publicação tem um ponto de partida aparentemente simples: o tamanho do livro. “Era preciso estar em sintonia com o seu tempo” (Lote 42) reúne os restos de um grande livro não publicado, em torno do qual são construídas reflexões em diferentes linguagens e registros.

Como em geral ocorre em suas criações, esta também é de difícil apreensão, porque questiona categorias muito básicas sobre o que significa o livro e o ato de leitura. Por isso é tão interessante.

Temos uma caixa com diversos materiais referidos ao livro “Frissson! Frissson!”, rapidamente esgotado após o lançamento, da autoria de um certo Paul Robert. Abrimos a caixa como quem começa um jogo. Não é simples se orientar, até encontrar uma folha avulsa com a listagem do conteúdo. Em minha leitura, obedeci à ordem descrita. Haverá aqui alguns “spoilers”, mas não importa muito, porque o emaranhado de materiais pode ser explorado em múltiplas direções. Não há um sentido correto.



O primeiro livrinho é uma pequena brochura com apenas cinco páginas escritas, cuja capa acusa: “Covardes! Retrógrados!”, escritos várias vezes. Dentro, um e-mail de Paul Robert endereçado aos editores, em que procura rebater as críticas a seu projeto. São questionamentos sobre a ausência de fio narrativo do livro, o mistério sobre quem seria o público e, principalmente, a desconfiança sobre a proposta de uma obra de dimensões tão grandes. O tamanho das páginas, aliás, será um dos principais temas desse jogo.

O conflito entre autor e editores dá as primeiras pistas sobre “Frisson! Frisson!”, e revela que foi concebido por oportunistas nos dois lados do balcão: editores que buscavam por algo “ultrainovador” e autor que imaginou a obra como um “potencializador de lifestyle”. Bobagens lá e cá, mas que são reveladoras das expectativas presentes no mercado de capitais simbólicos.

No “Lookbook” que se encontra na caixa, o grande projeto de um livro grande começa a aparecer. Esse manual de instruções ensina como pendurá-lo na parede: as enormes páginas (40 x 60 cm) contêm ilhoses que permitem exibi-las como um quadro, no centro de ambientes domésticos insossos e assepticamente despojados, que vemos em fotografias.

As páginas duplas formam imagens bem simples: uma laranja, uma berinjela, céu com nuvens, mensagens como “Saudade”, “The End”, “Aqui”. O interessante é que são ironicamente descritas como portadoras de grandes significados, à maneira do discurso publicitário que quer dar uma demão de frescor sobre tudo o que é banal.

Quando expostas na parede, encarnando o “ponto focal do ambiente”, as páginas desse livro-quadro sobem ao status de espelho do dono da casa. Um livro que é a hipérbole do desejo inconfessado de todo proprietário de livros: que os outros associem a sua posse a virtudes do possuidor, como se a elevação de espírito da obra encarnasse em seu dono, apenas por possui-la e exibi-la em sua casa.

O outro livro presente na caixa de Gustavo Piqueira obedece a regras diferentes. Três pesquisadores foram convidados a escrever sobre “Frisson! Frisson!” Por conhecer a malandragem de outras obras de Piqueira, confesso que meu impulso foi o de procurar saber se os autores realmente existiam – ao contrário do que vemos em “Iconografia paulistana” (Martins Fontes, 2012) ou “Oito viagens ao Brasil” (Martins Fontes, 2017).

Sim, os autores realmente existem e são renomados estudiosos da história do livro, de sua materialidade e de livros de arte. Estamos agora no registro acadêmico, e os textos são ricas reflexões sobre essa grande pretensão efêmera que foi “Frisson! Frisson!” Ao longo da leitura, vai se criando uma estranha sensação de convivência com esse objeto que já sabemos inexistente.

Vimos a obra de Paul Robert questionada pelos editores, em um manual de instruções (“lookbook”), e agora como objeto de comentários acadêmicos e eruditos. O cortejo ainda seguirá.

Como em um “making of” da fabricação do livro – não de Paul Robert, mas de Gustavo Piqueira – Cecilia Arbolave conta como foi o processo fracassado de edição de “Frisson! Frisson!” Tintas, encadernação, costura, dobra, orçamento, impressão serigráfica, técnica permeográfica, secagem das folhas e outras coisas. Foram insuperáveis os desafios técnicos de realizar um livro tão grande. A narrativa da desventura material, que revela que o livro não aconteceu porque não foi possível imprimi-lo, revela uma dimensão normalmente

invisível: a da feitura do “território impresso”, que seguramos entre as mãos, mas do qual normalmente enxergamos apenas uma pequena parte: o texto.



Nas criações de Gustavo Piqueira, os limites entre texto e paratexto estão borrados, as competências usuais da palavra e da imagem são desrespeitadas, a capa e o título podem mudar ao longo da leitura, entre outras estranhezas. O leitor pode ter uma boa ideia de outras obras suas em “Impertinentes” (Martins Fontes, 2019).

A respeito disso, o próprio Gustavo Piqueira dará uma formulação sintética: “o conteúdo dos meus livros não é só o que está impresso dentro da mancha, o livro todo é seu conteúdo”. Ela foi feita em entrevista a João Varella, editor da Lote 42 ao lado de Cecilia Arbolave, reproduzida ao final desta brochura que estou comentando. Piqueira trata ainda de outros assuntos de sua preferência e de seus processos de criação, o que por si já é interessante.

Essa conversa entre autor e editor é um duplo da troca inicial de mensagens entre Paul Robert e seus renitentes editores, mas agora em registro documental: uma entrevista ocorrida em “18 de março de 2025”, com quem realmente assina e é responsável por “Era preciso estar em sintonia com o seu tempo”. O leitor tem assim acesso à voz de Gustavo Piqueira, que explicita suas posições a respeito de um projeto que vinha se configurando como algo tão estranho – no bom sentido – ao leitor.

O tom testemunhal se confirma com um pequeno texto explicativo que lemos em seguida, também assinado por Piqueira. Esse procedimento – a inclusão da entrevista e o texto explicativo, este último um recurso bastante presente em outros trabalhos seus – produz um discurso distanciado do curso da narrativa, com o propósito de separar o autor ficcional (no caso desta obra, Paul Robert) do autor “civil” (Gustavo Piqueira). Com isso, estaria garantida a seriedade do autor Piqueira, distinguindo-o do construto ficcional ousado – distinção que, a meu ver, torna a obra ficcional menos ousada.

De qualquer maneira, são valiosos os testemunhos de seu processo de trabalho, porque apresentam formulações de grande liberdade. Manter-se leal à escolha material de um projeto impossível de executar e, de modo mais geral, atribuir protagonismo ao “território impresso”, assumindo todos os riscos que isso envolve, produz uma radical mudança de olhar no leitor, que passa a questionar hábitos muito arraigados, como o de virar uma página (“De novo”, Lote 42, 2018) ou ver uma ilustração (“Clichês brasileiros”, Ateliê Editorial, 2013 e “O”, Lote 42, 2020).

No caso de “Frisson! Frisson!”, a ideia fixa para sua concepção era que o livro tivesse o maior formato possível. Conseguimos ter uma noção de sua dimensão na última brochura do conjunto da caixa, em que se reproduz as páginas do livro, seguradas por um modelo. Também podemos saber como o livro seria montado e como os diversos materiais se arranjariam em meio ao livrão. Essa brochura – um livro que mostra como teria sido o livro – faz com que, definitivamente, “Frisson! Frisson!” apareça fora, como construto de Piqueira, em sua totalidade.

Nesse momento, o que se acentua é a percepção da grandeza banal, da enormidade despropositada. Por que conceber um livro com páginas tão grandes? A grandeza do dito necessita de uma página grande?

Este é o ponto em que o gráfico empurra o sentido, fazendo, ao mesmo tempo, ressaltar a aleatoriedade do procedimento, porque o que foi amplificado são imagens ordinárias: laranja, berinjela, Saudade, The End...

“Frisson! Frisson!” leva ao limite a ideia de que, quanto maior o tamanho, maior a ideia, até que o próprio objeto-livro se torne impossível de manipular, restando que seja pendurado na parede, ou que fique deitado sobre mesas de centro, como os “coffee table books”, discutidos nas imagens que seguem ao posfácio de Gustavo Piqueira nessa última brochura.

O caminho de leitura sugerido pela folha avulsa que descreve os materiais da caixa gera a impressão de um “crescendo”, não só em intensidade, mas em tamanho, literalmente. Ao percorrer cada um dos materiais vai se tornando possível ver o livro ausente, quão grande ele seria na parede de uma sala ou segurado por alguém.

Mas há ainda outros componentes nesse jogo. Em um saquinho “zip lock”, estão duas mínimas maquetes de ambientes domésticos, um hominho na mesma escala, e uma cartela com pequeníssimos adesivos de cada página de “Frisson! Frisson!”, para serem colados onde se deseje. Para o leitor, essa é a única materialização completa da obra. Por um surpreendente contraste, essas miniaturas talvez deem a exata medida da grandeza do projeto de Paul Robert, que podemos tocar pela folha defeituosa acrescentada à caixa. Essa página enorme, impossível de virar livro e de manipular, realiza-se na miniatura diminuída 75 vezes.

O livro não é um objeto autossuficiente, ele ganha seu sentido pelo seu entorno. Frisson! Frisson! quis ser o seu entorno, quis virar ambiente. Pela banalidade de sua grande ambição, não conseguiu.

Mas, afinal, o livro foi ou não foi publicado? “Frisson! Frisson!” existiu de várias maneiras, exceto pela única que em geral consideramos como própria ao livro: ser impresso.



\* Júlio Canhada é doutor em filosofia.

Autor de *O discurso e a história: a filosofia no Brasil no século XIX* (Loyola).

Publicado em 20 de janeiro de 2026 no Boletim Tatuí